

To-Senr Benedicto Alvarado

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.	Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.	NUMERO 39.
---------	--	------------

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 3 DE NOVEMBRO DE 1872.

Uma vez creada a nossa primeira Bibliotheca Popular, cumpre-nos aproveitarmos-nos della e sustental-a dignamente. Entre nós a necessidade de aprender é real e manifestada em todas as classes.

O estudo deve ser indifferente aos mais preconceitos da sociedade; nem mesmo deve conhecê-los. Sem elle, de que nos serve a vida? para passal-a materialmente, como a passam tantos, acimantados, desde a infancia, ao brilho do ouro, que é o seu titolo, o seu mundo e o seu... livro?

Se estudassem, saberiam apreciar-o, e trocá-ohiam—sem usura—por outro mundo mais ideal e menos corrupto.

Assim pois, oh! mocidade maranhense, apontamos-vos a *Bibliotheca Popular*, offerecendo-vos o regulamento della, que abaixo publicamos:

### REGULAMENTO DA BIBLIOTHECA POPULAR.

Esta Bibliotheca está quotidianamente aberta para a leitura de todos nos dias úteis das 6 horas da tarde as 9 da noite e aos domingos das 12 as 2 horas.

A leitura ahí é completamente gratuita. Quem quiser ahí ler, basta pedir o livro que desejar ao bibliothecario, guardando depois absoluto silencio. A pessoa que desejar levar livros para casa, pode fazel-o sem outis algum, simplesmente sujeita ás seguintes condições prescriptas no regulamento.

1.º Não poderá levar mais de um volume.

2.º No acto de levá-lo depositará em mãos do bibliothecario—ou o valor da obra, que ahí ficará para garantia, sob a forma de deposito, podendo levá-la logo que restitua o livro—ou então passando um recibo conjunctamente com um fidejor que mereça confiança da commissão directora, responsavel toda a vez que o assignado deixe de cumprir com seu dever.

3.º O prazo para a leitura externa é de 15 dias, podendo ser prorogado, quando, na expiração delle, apresente o livro na bibliotheca, onde pagará novo documento. Se exceder do prazo prescripto, pagará o leitor, uma multa de 10% do valor do volume, e por tantas vezes quantas quizeras se demorar a obra em suas mãos sem o consento da commissão directora.

4.º O membro da associação pode levar um livro passando um recibo sem fidejor, essa condição de idoneidade só é applicavel á sahida de um volume.

Maranhão, 31 de outubro de 1872.

A. Vares de Souza.  
A. d'Almeida Oliveira.  
Polycarpo José Pinheiro.

### Engrasas.

(Sem. italiana.)

Quando o coração de uma menina se enche de amor, deve licôr inebriante, o homem não tem o direito de amargar-lhe os dias. Não pode, não deve mesmo, esgotar esse licôr e substituí-lo por infusão de cicuta; e se ousa fazel-o perde os ferros de humano e deve ser considerado como verdugo do amor, algoz da innocencia.

Quando o coração de uma doncella sente-se cheio de amor por um mancebo, este não é obri-

## FOLHETIM DO DOMINGO.

O Sr. Cagnard.

(Trad. da *Revue phantastique de Alfred de Musset.*)

Felizmente conseguiu chegar aos arrabaldes do Saint-Honoré; ahí, com o coração mais fortalecido, elle já se julga ver na vasta sala de jantar do conde Walter Paek, rodeado de lacaios agaboados; nos pratos de porcellana tremem os pyramidasas crèmes com rhum; o vinho espuma nos copos e a encantadora condessa estende a nivea mão para offerecer-lhe uma asa de phaisão.

Preocupado por estes pensamentos, elle interna-se á passos largos na multidão: eos! cahio no centro de um grupo de estudantes do curso do Sr. Ducarroy, emprasadps para se reunirem ás cinco horas e meia no minis-

terio da marinha. Elles são em grande numero; o Sr. Cagnard ouve palavras que lhe resfrião a medula dos ossos até á espinha dorsal; o que será preciso gritar para que o poupem? ninguém grita. Elle se arrisca: «Vivá a republica!»

Mal gritára, que um soldado de linha o agarra pelas graciosas abas do sua casaca verde garrafa, como um parulal pelo rabo; elle volta-se e avista as cabeças dos cavallos de um destacamento da guarda nacional.

«Ah! disse elle, eu sou um socegado burguez que neubam mal feço. Pergantem a estes senhores se elles me conhecem.»

Os estudantes affirmarão que nunca o tinham visto; assim, contrariado ainda uma vez, que casto teve em se fazer desconhecer por todos! quantos tormentos supportou para provar que para nada prestava, nem mesmo para conspirar!

N'esta falsa posição elle lembrou-se de sua casaca azul de dragonas vermelhas, que havia atirado no seu car-

gado a correspondel-o, é verdade, mas nem por isto lhe assiste o direito de escarneal-o, desdeñal-o; não. O amor é um sentimento elevado, e uma vez bem comprehendido por aquelles em cujos peitos apparece, deve ser tido e respeitado como uma livre effusão d'alma, e ao homem não é lido atormentar em dores o tenue coração da mulher.

Um moço não deve arrastar pelo pé da terra um amor verdadeiro que lhe foi offerecido por peito virgem. Ou aceita-o com sinceridade ou pouco e pouco fal-o extinguir: este é o dilema. Aceita-o, porém, para depois desprezal-o é um crime de lesa- innocencia, salvas, algumas vezes, razões que o colloco na dignidade de assim proceder.

O homem, que se dirige pelo coração e pela cabeça, passa a ser *esphinge* quando, conhecendo que uma menina o ama, trata de alimentar essa paixão com fagueiras esperanças e depois, com perfidia e dureza, a perturba e atira desdenhosa e calculadamente no circo de reprovado indifferentismo. . .

A menina, que deu deveras seu termo coração a esse homem semi-barbaro, vendo tão mal correspondido um dos seus mais bellos sentimentos, —o amor—deixa se abater, e sente lentamente uma tortura, uma dôr, quasi perenne, invadir-lhe o coração, até a alma. . . Tem razão. O indifferentismo em taes casos é *arma* cruel, que mata sem ferir!

Hoje frequentemente se vê os moços com affectos e bellas palavras corresponderem as affeições de innocentes doncellas, mas isso não dura: quasi todos se revestem de fingimento para gozarem dessas illeções por algum tempo e de-

ceer de malicia; bem proceeria elle, oh! mil vezes melhor e mais sabiamente, vestindo a segunda manga, em vez de despir a primeira!

Todavia, não sendo conhecido, deixarão-n'o retomar seu vôo afimado para a espaçosa sala de jantar e vinhos preciosos do conselheiro.

«Meu Deus! exclamou elle, no momento em que limpava os sapatos de fivella no capacho da entrada e pensava a mão gelada no cordão da campainha; meu Deus! feliz d'aquelle que não tem partido e que habilmente se pode fazer desconhecido de todos, como eu fiz! Eu nada sou! Feliz d'aquelle que assim pode circular como uma falsa moeda que todas engeitão e que não pode figurar entre o mais dinheiro!»

Esta reflexão recordou-lhe uma anedocta que elle resolveo contar durante a s bre-mesa ao gracioso conselheiro, respeitavel conde Walter Pock. Portanto, quando apoiou seus cotovellos com ar de espirito, elle levantando o copo meio cheio á altura dos olhos, disse:

pois, sem motivo serio, menosprezo aquellas a quem fizeram mil protestos de amar, obrigando-as assim a tragar gotas amargas até as fezes! Daqui esta sentença de Warnagant: é condição da fragil humanidade—não saber uzar sem abusar. Dito isto, historieemos suscitadamente a infelicidade de um amor.

Piahy.

(Continua.)

H. P.

## BIBLIOGRAPHIA.

(Vol. n. 37.)

Dizer que o—*Condemnado*—é uma poesia perfeita, seria ir d'encontro á consciencia; não prima pela corrección, nem tão pouco pela metrificacão; a primeira estrophe, sobretudo, merecia uma reforma; negar porém a sublimidade das idéas do autor, a generosidade dos seus pensamentos, a naturalidade daquelles versos, que não foram beber termos alambicados na fonte da litteratura coimbran, de rufas flores confesso que não posso gosar os perfumes sem o auxilio de um dicionario, seria uma blasfemia.

O autor sentio-se inspirado um dia e lembrou-se do cadafalso; a sua imaginação desenhou-lhe talvez a cabeça de Troppman cabida aos pés do algoz, vio castigarem-lhe os crimes de uma maneira que o proprio reu procuraria, quando os remorsos seriam o mais tremendo castigo aos seus actos, —molhou a penna no sangue do suppliciado e disse:

.....  
Parece que presente. . . ao longe. . . a turba em grita.  
Cercando o cadafalso, que a lei mandara erguer.

«Lembra-me que na minha viagem á Italia encontrei em Turin um bom carroceiro á quem dei uma peça de trinta soldos para beber.

Um anno depois, passeiando em Napoles, vi acercarse de mim o mesmo carroceiro, que a custo reconheci.

—Ah! senhor, me disse o homem, quanto vos devo!

—Porque? perguntei.

Não se lembra que ha um anno me deo em Turin uma peça de trinta soldos para beber?—Sim; e depois?—Ella era falsa, senhor, e eu atravessei toda a Italia mediante esta moeda, bebendo gratis em todas as tavernas. —Como assim?—Eu pagava com ella, quando me disião que era falsa, respondia que não tinha outra, então o taverneiro punha-me no olho da rua, coberto de descomposturas. Veja o senhor que este dinheiro valeo-me cem vezes mais, o que eu devo agradecer-lhe.»

Augusto Gabriel.

E sem que a morte tema, na these só medita:  
— Se pode a lei matar, mandando Deos viver!

E o condemnado conta a historia do seu crime.

Voltava do trabalho e viu manchado o thalamo  
conjugal; n'um impeto do mais justo desespero  
matára o infame que lhe ensinava a existência  
e lhe cuspiu nas faces, deshourando-o.

A esposa pede-lhe que a deixe viver; toma nos  
braços o filho; o desgraçado vacilla e diz:

Dá-me a escolha o cruel destino  
Entre assassino... e marido e paí!

Ao peso enorme dessa dor venendo,  
Desamparado sobre o chão cahi;  
Estive immerso n'um sonhar medonho...  
E vim do sonho despertar aqui!

O condemnado vai ser executado: sahê da masmorra e, cercado pelo povo

Que viera (cousa incrível!)  
Para assistir impassível  
Aquella scena de horror!

Eis que chega.....  
Entre as alas de soldados;  
Traz os pulsos algemados  
E nas mãos— Christo na cruz!  
Sacro emblema que n'essa hora  
Lhe é esperança e conforto;  
Pharol que do eterno porto  
Lhe mostra a celeste luz!

Ao pé da escada fatal  
Um sacerdote o abençoa...  
— *Justiça* (com voz pregão)  
Que manda fazer o rei!—  
E o triste sóbri sereno  
Ao cimo do cadafalso,  
Onde existe um banco falso  
Como é falsa e iniqua a lei!

Ahi sentado, o empenado  
O algoz com firme braço  
Segura a ponta do laço  
Com que o deve estrangular,  
Lança em torço um olhar incerto,  
Derradeiro afeus ao mundo,  
Gira o banco... e n'um segundo  
Eis um cadáver no ar!

E' sublime o remate da poesia: tem muita força  
esta oitava:

Exultae, povo! Juizes,  
Vossa missão está cumprida!  
Immolaíeis uma vida  
No altar d'um falso deus!  
Rendei culto ao Exterminio!

Folgue a lei, a iniquidade,  
Gênia embora a humanidade,  
Brad' m— horror— os proprios céos!

(Continúa).  
A *Azevelo*.

## AO ANNIVERSARIO DA MORTE DO NOSSO POETA

## GONSALVES DIAS.

Silencio, musa! perturbar não venhas  
O genio altivo que na gloria hoje  
Tranquillo adormeceu!

Deixa que o se' lo pela voz sonora  
Em triste endeixa nos recorde ufano  
Seu nome tão illustre!

Deixa que a nympha que lhe ouviu as queixas,  
Nessa hora infusta em que buscando a patria  
No céu foi abrigar-se,  
No fundo scio de Nerco procure  
— Desfeita em pranto— o carconido craneo  
Do augusto e infeliz lardo.

E um osc'lo puro de seus castos labias  
Por nós deponha nessa nova argilla  
Onde o estro imperava!...  
Oh, não despertes com sentido acorde  
O grande vate que entre sons de applausos  
Adormeceu na gloria...

Ha oito annos que o destino ingrato  
Coitun lhe os dias quando a cara patria  
De perto lhe acenava,

Quando elle louco de prazer dizia:  
«*Enfim que pude retornar aos lares*  
«*Do peito tão queridos...*

«*Enfim meus olhos poderiam votar-se*  
«*Onde saudoso o sobão gorgear,*  
«*Nas levas das palmeiras...*

«*Mim' alma expande-te! sorrindo en vejo*  
«*Ali meo berço sob um céu de amores...*

Cortou-lhe a voz o abysmo.

Silencio, musa! perturbar não venhas  
O genio altivo que na gloria hoje  
Tranquillo adormeceu!

Deixa que o se' lo pela voz da fama  
Proclame o nome pelo orbe inteiro  
Do Cysne maranhense!

S. Luiz, 13 de novembro de 1872.

*M. Marques.*

## QUEIXUMES.

Surge a noite e a branca lua  
veste o mar de lindo véo;  
sou o mar, vem adornar-me,  
vem trazer-me um riso teu.

Surge a noite e as bellas flores  
vão pedir-lhe brando orvalho...  
vem dar vida ao pobre lyrio  
que pendeu no murchido galho.

Surge a noite e a mansa vaga

vem morrer na alva praia...  
A minh'alma é como a vaga,  
no pared, alem... desmaia.

Surge a noite: a borboleta  
pede abrigo à linda flor...  
A minh'alma quer abrigo,  
dá-lhe pouso, dá-lhe amor.

Surge a noite: na verdura  
erra a luz do vaga lume...  
A minh'alma assim vagueia  
solugando agro queixume

Surge a noite: o mar, as flores  
vão pedir-lhe alto fulgor...  
A minh'alma só te pede,  
só te pede a luz do amor.

Agosto de 1872.

D. S.

**Recebo a Vós.**

(Transcripto.)

Indo-se casar um pebo  
(Que era pago e não podia  
Pronunciar bem *recebo*),  
Gaguejava e só dizia  
*Are, ... are, ... cebo, ... cebo.*

Alguem supõe que o dizia  
Com malícia? Não recebo.

João de Deus.

**RECEBO A VÓS....**

(A propósito.)

Certo dia foi um mudo  
se casar, (ó que tolice!)  
o vigário barrigudo  
ao noivo no acto disse:  
— «En recebo a vós, repita...»  
Fazendo força inaudita  
o mudo, — que efficidade! —  
recebra a voz de repente  
e repete alegremente:  
— «Recebo a voz! É verdade!»

A. A.

**CHRONICA.**Os ladrões... *s'en vont!*

E a policia não agarrou nenhum! E ficaram  
impunes os perturbadores da tranquillidade pu-  
blica, que é a menos tranquilla que ha! E elles  
provavelmente convivem commosco, tiram-nos  
os seus chapéos e apendem os seus cigarros  
nos nossos charutos. E o leitor, que me lê a  
chronica, refastelado em uma poltrona, talvez  
seja um dos taes e ria-se de mim, da policia e  
do povo, assim como teme os apitos e as bayo-  
netas da guarda nacional.

Vou dar-lhes uma grande novidade:

Pio IX não é visto ha mezes pelos seus minis-  
tros; os seus aposentos no Vaticano vivem fe-  
chados, e mudos os échos.

Pio IX desapareceu: Benevenuto Prinlipini,  
um amigo romano, escreve-me a seguinte carta,  
que traduzo:

*Amigo Eloy, o heróe.*

Pedindo-lhe o mais discreto silencio acerca da reve-  
lacao que lhe vou fazer, communico-lhe que o Universo  
inteiro vai estremeer a vista da grande novidade.

Pio IX viaja incognito.

Desejoso de saber qual o modo com que se encara na  
America a religião catholica, apostolica e romana, vai  
S. S. tomar o mais humilde e dividido traje para ver, á  
seu bel-prazer, como é repetido o seu nome entre vós.

É apenas um capricho, ou antes — uma mera curiosi-  
dade de papa..... etc.

Agora, charos leitores, leiam mais esta epis-  
tola do Pará:

Amigo e Sr. Eloy.

Nada ha de novo por cá. A moralidade publica exul-  
ta por ter desaparecido da arena o *Marcego*, praças á  
autoridade do Sr. chefe de policia.

Seguiram em um dos passados paquetes dois engra-  
xadores ambulantes, dos quaes um — Joseph Bona — é o  
papa — *escripto escarvado*, como se costuma dizer.....  
etc.

A vista disto, leitores, ponha duvida resta-nos  
de que anda a engraxar-nos as botas aquelle á  
quem devemos bojar os pés.

Espero que esta grande nova, que me foi dada  
em reserva, e que por um abuso de jornalista,  
fiz figurar ja nas columnas do *Domingo*, não pas-  
se dos leitores: guardem pois o maior segredo,  
mesmo porque eu me não responsabilizo pelo  
verdadeiro d'ella.

Diz o *Publicador Maranhense* que lá para o  
lado do Do-terro appareceu um adepto do celeb-  
re Juca Rosa, em casa do qual se tem visto en-  
trar tres moças decentemente vestidas.

Cadeia com elle.

**EXPERIENTE.**

No Ceará publicaram-se os dois primeiros nu-  
meros do *Corcio do Poco*, em substituição do  
*Caraca*.

Desejamos-lhe longa vida, agradecendo á illus-  
tre redacção a remessa de seu jornal, que será  
retribuida.

Recebemos tambem o — *Astro Bezenzenza* — do  
Rio de Janeiro, e o — *Alabama* — da Bahia.

Agradecemos e retribuímos tambem.

O Sr. Frederico Severo offereceu-nos um exem-  
plar do seu poema — lenda — *Araça* —, de que já  
 demos noticia. Recebemos tambem um exemplar  
da — *Commemoração de todos os feis defuntos* —;  
agradecemos á tudo de coração.

*Eloy, o heróe.***4 Briza.**

Li *hoitem* o numero de hoje deste jornal. Cri-  
tica-me! Para responder-lhe agora, falta-me tem-  
po e espaço; de passagem, — apenas pude apre-  
ciar o *delicado* estylo do seu *chistoso* chronista.  
Cada um dá o que tem. Domingo direi alguma  
coisa sobre isso, (se estiver de pachorra). Re-  
cebi o... *mimo* conforme a... *pessoa* que o  
deu.

*O Domingos.*